

# A reversão da política de comércio exterior é essencial para salvar a indústria

Nelson Marconi

Coordenador executivo do Fórum de Economia da FGV e professor da FGV EAESP

A indústria continua apresentando um desempenho pífio este ano, enquanto o comércio se recupera, bem como os serviços, estes em menor intensidade, com o arrefecimento da pandemia. O descolamento entre o desempenho dos dois primeiros vem se acentuando, atingindo a maior distância desde 2003. Utilizando a média daquele ano como base de comparação, o índice de volume de vendas do comércio era, em julho deste ano, 109 pontos percentuais superior ao da produção física da indústria de transformação. Não é possível explicar essa diferença, constante e progressiva, por um processo de ajuste de estoques. A explicação mais plausível reside no comportamento do comércio exterior.

Desde 2006, o volume de importações da indústria de transformação supera o das exportações. No auge da apreciação cambial, no período 2010-12, as importações de bens de consumo eram cinco vezes superiores às de 2003 (em quantidade, isso é, sem considerar as variações de preços). Hoje são 3,7 vezes



maiores. O volume de exportações da indústria de transformação, por seu turno, encontra-se em patamar semelhante ao observado em 2006. Houve uma pequena melhora após a recente desvalorização da moeda: em agosto deste ano, o patamar era 6% superior ao observado em fevereiro de 2020, já descontados os efeitos sazonais. Mas ainda é muito pouco para compensar essa prolongada debilidade das vendas externas e da produção industrial, que se encontra atualmente no nível de 2004.

Não é possível a indústria se recuperar com tamanho descompasso entre as exportações e as importações de seus produtos. Aumentos da renda, mesmo que sejam temporários, melhoram as vendas do comércio e podem estimular a produção industrial, mas nas oportunidades em que a renda se elevou no Brasil, como na segunda metade dos anos 2000 e início dos anos 2010, os principais beneficiários foram os importadores e produtores em outros países.

Um vazamento da demanda interrompe um possível ciclo de cres-

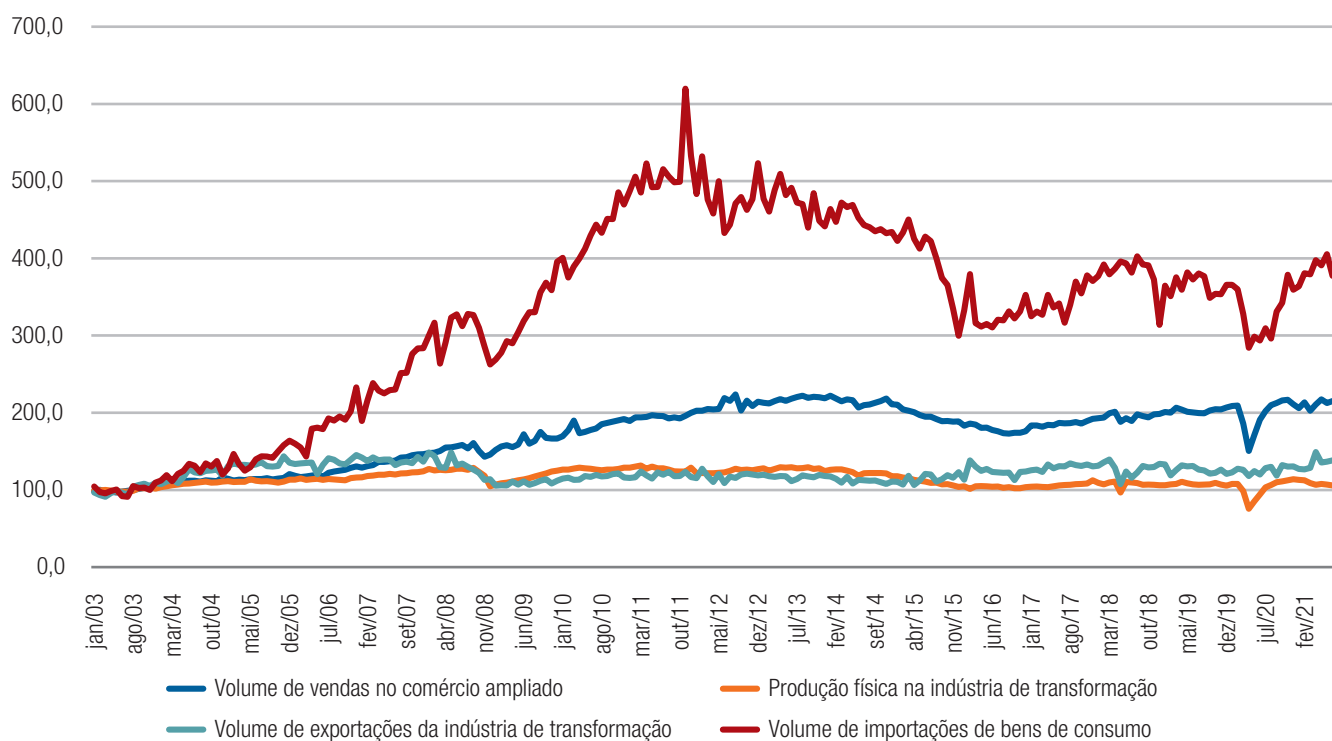
cimento que pode resultar de fatores exógenos como, por exemplo, o crescimento da economia mundial. A busca de mercados externos poderia compensar, para o produtor, a perda de mercados internos; porém, o mesmo fator que estimulou o vazamento da demanda no caso brasileiro – a valorização da moeda – desencorajou as exportações, sem considerar todas as demais restrições que os produtores locais encontram para atuar no mercado externo: custo do dinheiro, estrutura tributária, logística arruinada, falta de suporte ao exportador no exterior, descontinuidade das políticas, burocracia, ausência de estímulos à pesquisa e inovação.

Durante esses quase 15 anos de apreciação cambial (2006-2020), os (ex) produtores se adaptaram à situação e as importações de insumos e bens de capital observaram tendência semelhante à descrita para os bens duráveis – as primeiras são, atualmente, 4,8 vezes maiores que em 2003 e as segundas, três vezes. Isso significa que as importações predominaram em todas as etapas do processo produtivo – máquinas, insumos, bens finais. Por consequência, demanda por trabalhadores na indústria também se reduziu fortemente.

Costuma-se contrapor, em relação a todos os argumentos apresentados anteriormente, que a economia brasileira é fechada e a

abertura comercial é essencial para o aumento da produtividade. De fato, levar o país a participar mais do comércio internacional, fato que requer maior eficiência e competitividade por parte das empresas, além de possibilitar o acesso a novas tecnologias (quando disponibilizadas), contribui para o crescimento do país. O problema é que a nossa abertura comercial sempre privilegiou as importações e pouco fez, efetivamente, para estimular as exportações. O gráfico abaixo ilustra esta situação pela estimativa de dois indicadores importantes: o coeficiente de exportações (índice do volume de exportações da indústria de transformação dividido pelo ín-

**Indicadores dessazonalizados da produção, comércio interno e comércio exterior (2003 = 100)**




Fonte: IBGE e ComexStat.

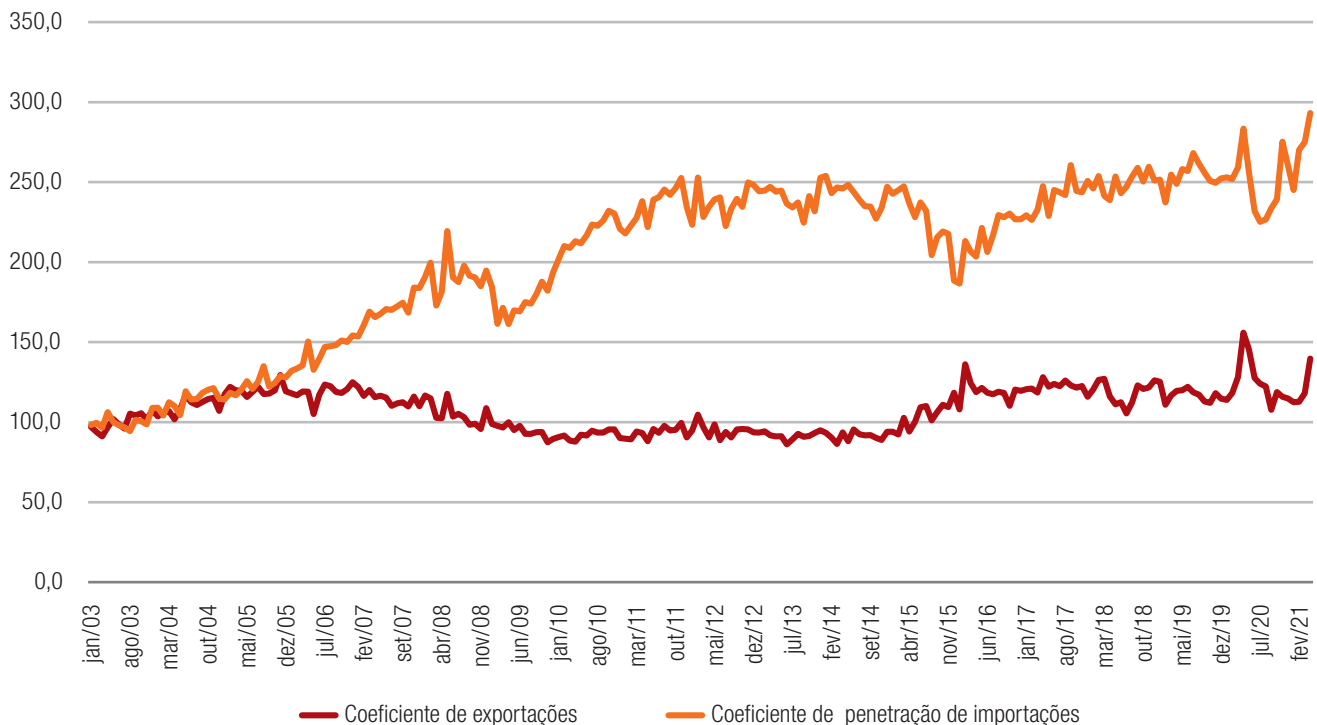
dice de produção física no mesmo setor) e o coeficiente de penetração de importações (volume de importações da indústria de transformação dividido pelo consumo aparente de bens industriais, sendo este último estimado pelo Ipea). A CNI calcula esses indicadores a partir dos valores de produção, importação e exportação; eu estou fazendo uma adaptação e estimando-os a partir da evolução dos índices de volume de cada variável; é, portanto, um resultado bastante diverso do original, mas nos permite observar a evolução até o presente (a série da CNI chega a 2018). A diferença na evolução de ambos é bastante significativa: o coeficiente de exportações, segundo esse critério de cálculo, atualmente é, após uma recente

Urge que a política econômica priorize o apoio às exportações cujo valor adicionado seja superior ao correspondente às importações

melhora, 40% superior ao observado em 2003; e o de penetração de importações é 2,9 vezes superior na mesma base de comparação.

Não há indústria que sobreviva nesse cenário. Urge que a política econômica priorize o apoio às exportações cujo valor adicionado seja superior ao correspondente às importações. A prolongada apreciação torna esse esforço ainda mais necessário; possivelmente também será necessário acertar a estrutura tarifária para reequilibrar os preços relativos, dado que os produtores nacionais se adaptaram ao valor da moeda que predominou nas últimas décadas, mas tal acerto só poderá ser adotado no conjunto de uma ampla gama de medidas e condicionado à ampliação das vendas externas. De outra forma, nossa indústria permanecerá definhando e nos tornaremos um pequeno entreposto que, graças às suas vantagens comparativas, também produz *commodities*. 

**Coeficientes de comércio exterior (2003 = 100)**



Fonte: Estimativas próprias a partir de dados do IBGE, Ipea e ComexStat.